

FILOSOFIA DA RELIGIÃO: REFLEXÕES SOBRE VIRTUDE E FELICIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA.

PHILOSOPHY OF RELIGION:
REFLECTIONS ON VIRTUE AND
HAPPINESS IN PANDEMIC TIMES.

Josué Carlos Souza dos Santos
Universidade Estadual de Roraima/UERR
<https://orcid.org/0000-0003-1172-5763>

Edgard Vinícius Cacho Zanette
Universidade Estadual de Roraima/UERR
<https://orcid.org/0000-0002-2395-2632>



Editores do dossiê:

Vinícius Denardin Cardoso (<https://orcid.org/0000-0003-4669-4290>)

Isabella Coutinho Costa (<https://orcid.org/0000-0002-2586-8928>)

Resumo: A matéria *Virtude e Felicidade* ministrada na Universidade Estadual de Roraima teve como objetivo desenvolver diálogos e reflexões filosóficas sobre virtude e felicidade a partir de pensamentos de filósofos atuais e contemporâneos. Essa pesquisa reúne duas abordagens que se complementam, a saber: análises bibliográficas sobre virtude e felicidade e uma práxis filosófica em sala de aula com a proposta da realização de um café filosófico, conforme será detalhado mais adiante. Analisando a história da filosofia e o modo como alguns pensadores filósofos, teólogos e de outras áreas de estudo refletiam, se percebe que essas análises estão diretamente ligadas aos estudos do ser, da ética, do homem social e até mesmo da psicologia. Também refletimos a respeito da pandemia causada pelo novo coronavírus e como que virtude e felicidade se relacionam com os efeitos nocivos causados pela pandemia. Esse relato de experiência está inserido no projeto de extensão *Café Filosófico: Diálogos sobre Virtude e Felicidade*, dentro da Especialização em Filosofia da Religião da Universidade Estadual de Roraima, com previsão de acontecer aberto para todos, em formato EAD, no segundo semestre de 2020.

Palavras-chave: Filosofia. Religião. Relato de Experiência. Pandemia.

Abstract: The subject *Virtude e Felicidade* (Virtue and Happiness) taught in the State University of Roraima aimed to develop dialogues and philosophical reflections on virtue and happiness from the thoughts of current and contemporary philosophers. This research brings together two approaches that complement each other, namely: bibliographical analyzes on virtue and happiness and a philosophical praxis in the classroom with the proposal of making a philosophical coffee, as will be detailed below. Analyzing the history of philosophy and the way some philosophical thinkers, theologians and other areas of study reflected, it is clear that these analyzes are directly linked to the studies of being, ethics, social man and also psychology. We also reflected on the pandemic caused by the new coronavirus and how virtue and happiness are related to the harmful effects caused by the pandemic. This experience report is part of the *Philosophical Café: Dialogues on Virtue and Happiness* extension project, within the Specialization in Philosophy of Religion at the State University of Roraima, with a forecast to happen open to everyone, in EAD format, in second half of 2020.

Keywords: Philosophy. Religion. Experience Report. Pandemic.



ISSN: 1981-4127

INTRODUÇÃO

Nosso objetivo nesse texto é apresentar considerações iniciais em forma de um relato de experiência sobre virtude e felicidade em tempos de pandemia. As reflexões apresentadas nesse artigo derivam das experiências e conhecimentos adquiridos no curso de Especialização em Filosofia da Religião, promovido no âmbito da pós-graduação da Universidade Estadual de Roraima, especificamente na matéria *Virtude e Felicidade*. Essas reflexões se inserem ainda no projeto de extensão *Café Filosófico: Diálogos sobre Virtude e Felicidade*, tendo como objetivo a investigação de problemas filosóficos clássicos e atuais que discutam os conceitos de virtude e felicidade através de uma abordagem histórico-cultural do ser humano a partir da ética. Essas análises foram adaptadas ao contexto da pandemia causada pelo novo coronavírus.

Como metodologia, a matéria foi desenhada para se desenvolver em aulas expositivo-dialogadas com leitura e discussão de obras filosóficas promovendo a inclusão discente em eventos acadêmicos. Ademais, oportunizando diálogos sobre virtude e felicidade e produções de pesquisas, artigos e a possibilidade de visitas guiadas. Os objetivos específicos dessa disciplina, entre outros, foi de levantar análises e discussões a respeito do conceito de virtude e felicidade a partir de filósofos clássicos e atuais. Nesse artigo, apresentamos os conteúdos a partir do nosso olhar acadêmico, através de anotações livres, referenciadas e reflexivas acerca do conteúdo que aqui abordamos. É importante mencionar que esse artigo adota a forma de relato de experiência bem sucedida como procedimento metodológico, proporcionando assim o desenvolvimento de análises de conteúdos ministrados na disciplina de *Virtude e Felicidade*, estabelecendo uma estreita relação entre a vivência na sala de aula e também os estudos bibliográficos ministrados e estudados. Conforme mencionado anteriormente, a matéria foi ministrada no segundo semestre de 2019 no início do curso de especialização *lato sensu* em filosofia da religião, oportunizado graças ao âmbito acadêmico de estudos de pós-graduação da Universidade Estadual de Roraima.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: TÉCNICAS E MÉTODOS

As aulas ministradas pelo professor desta matéria sempre aconteciam às quartas feiras no campus de excelência da Universidade Estadual de Roraima e tinham duração de no máximo quatro horas. Nos primeiros momentos elas trouxeram algumas considerações sobre o início da filosofia

e o os questionamentos da filosofia antiga (grega), direcionando os estudos às percepções da ética e do ser humano social e político. A partir de anotações pessoais e de uma busca contextual em artigos, livros e outras produções acadêmicas sobre os conteúdos ministrados, desenvolvemos o relato de experiência com base na vivência discente em aula, embasando as devidas referências conforme necessário. Após esta participação ativa na disciplina, os dois autores deste artigo se reuniram periodicamente para discutir estes temas e as aulas, o que foi ainda mais enriquecedor, pois esta metodologia ultrapassou o que fora proposto inicialmente, e, mais, propiciou a escrita conjunta deste artigo.

REFLEXÕES SOBRE O DESPERTAR FILOSÓFICO EM SALA DE AULA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Logo no início do curso e engajando cada vez mais os acadêmicos no despertar filosófico para questões relacionadas à virtude e felicidade, nos foi apontado o caminho: teorias sobre o início da filosofia. De acordo com o professor ainda em suas aulas iniciais, a respeito desse tema é possível encontrar a tese tradicional, a qual defende que ela nasce na Grécia, e, por outro lado, a tese alternativa, considerando que a filosofia nasceu no oriente e de lá migrou para a Grécia. Uma das abordagens principais da época eram os estudos relacionados ao pensamento ontológico. Conforme explica Tonet (2013):

Por sua vez, a ontologia é o estudo do ser, isto é, a apreensão das determinações mais gerais e essenciais daquilo que existe. A ontologia pode ter um caráter geral, quando se refere a todo e qualquer existente ou um caráter particular, quando diz respeito a uma esfera determinada do ser, como, por exemplo, o ser natural ou o ser social (TONET, 2013, p. 12).

Assim, os questionamentos desse período, na filosofia grega nascente, entre os séculos VI e V ac., giravam em torno de algumas questões centrais, tais como: O que é o ser enquanto ser? O que as coisas são?

O debate filosófico em sala de aula sobre a relação entre Sócrates e Platão se tornou fundamental e foi o eixo central para as aulas seguintes. Envolvidos nos temas filosóficos, passamos a estudar os pensamentos de Sócrates, Platão e demais filósofos gregos. A respeito do pensamento de Sócrates, passamos a percebê-lo como aporético, ou seja, dava poucas – quase nenhuma – respostas. Dinucci (2008) em um estudo sobre as noções de *téchne* e *dýnamis* aplicadas à retórica aponta para:

A resposta socrática também é recorrente: ao longo dos diálogos aporéticos, Sócrates, ao ser indagado sobre a sua questão ‘o que é?’, jamais explicita o estatuto ontológico e epistemológico de seu modo de questionamento. De certa forma esse procedimento é admissível, pois Sócrates não dispõe de uma ontologia e uma epistemologia explícita. Porém, pode torna-se enganador caso o interlocutor inadvertidamente tenha de se comprometer com princípios ontológicos e epistemológicos que conscientemente não admitiria. Ademais, os esclarecimentos de Sócrates sobre seu questionamento parecem inconsistentes se levarmos em conta seus próprios critérios: ele nada faz senão dar exemplos de perguntas semelhantes e suas respectivas respostas (DINUCCI, 2008, p. 36).

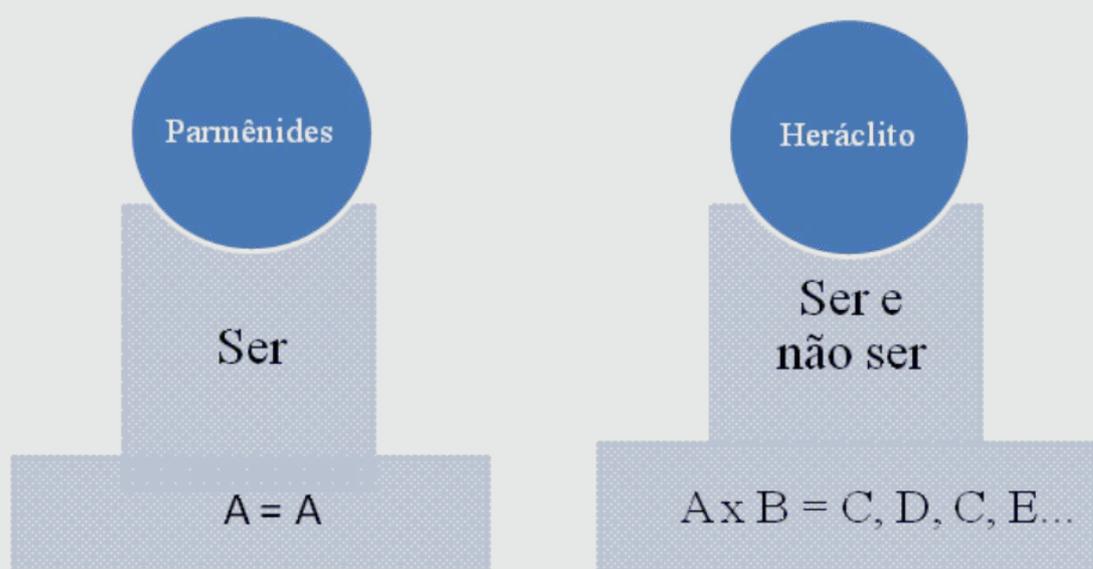
Platão recebeu outras influências além da socrática, e, assim, sempre colocando vinho novo em velhas garrafas, criou uma das teorias mais importantes da história da humanidade. Uma das influências que marca o pensamento platônico é o Orfismo, teoria tal qual uma doutrina religiosa que rejeitava expressamente a religião local, evocando segredos em relação a ritos de iniciação e doutrinas, defendia a imortalidade da alma e o dualismo metafísico entre alma e corpo. Um dos grandes feitos do filósofo Platão foi a criação da escola, a academia. Nesta escola os assuntos não eram estritamente religiosos, os quais promoviam, então, novos e revolucionários métodos de aprendizagem e interação filosóficos, como o uso da dialética atrelada à teoria das ideias ou teoria das formas. Na academia a música, a ginástica e a geometria, eram cultivadas como ciências fundamentais para a boa união entre alma e corpo.

As virtudes cardeais, para Platão, eram a sabedoria, justiça, coragem e a temperança. Destarte, em Platão também temos estudos sobre a estética, fundamentada em princípios absolutos, inalteráveis, imutáveis e eternos. O que é belo é belo por participar do belo em si, diria Platão. Seus estudos morais tinham duas principais preocupações: O homem e a redefinição da sociedade. Dentro dos debates acalorados em sala de aula, passamos a conhecer mais profundamente as obras de Platão. Em *A República*, Platão apresenta um estudo fundamental que marcou a história da filosofia grega. Entre conversas narradas por Sócrates sobre assuntos relacionados à política, ética, justiça, injustiça, metafísica e outros, Platão pensava em um estado racional, no sentido de organização da sociedade, e via a justiça como um sistema através do qual seria possível dar a cada um o que lhe cabe.

Assim que dialogamos construindo os fundamentos bibliográficos que

norteavam as aulas, percebemos o quão é notória a influência de Parmênides e Heráclito no seio do pensamento platônico. Para o primeiro, O ser era visto a partir de uma perspectiva lógica: *O ser é, o não ser não é*, ou seja, uma coisa só pode ser igual a ela mesma. Para Heráclito, dentre suas principais ideias, temos a apresentação da teoria do fluxo, manifesta sucintamente em sua frase: “Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos” (HERÁCLITO, 1996, p. 101). Ele também acrescentava que “(...) o contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia (Ibid, p. 97)”. Ou seja, tudo é mudança. Apresentados esses pensamentos, o professor apresentou então o seguinte quadro:

Quadro 1: Descrição não foi fornecida pelo autor.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Contestando de forma sistemática, por outro lado, o relativismo dos sofistas, os estudos de Platão se baseiam na seguinte questão: o bem e o justo variam? No primeiro livro de *A República*, o personagem Trasímaco afirma que a justiça é o interesse do mais forte. O justo é conquistado pela persuasão ou convencimento. Os sofistas, então, representados por Trasímaco, pensavam que não haveria uma fixidez que assente uma verdade absoluta.

As demais aulas trouxeram outros questionamentos em contraste com

A *República* de Platão, especificamente o capítulo VI desta obra, o qual destacamos a questão: Que difere a vida do homem justo e do homem injusto? Como escolher os magistrados? Como escolher os governantes? Para realizar reflexões as quais esses questionamentos pedem, é necessário trazer um pequeno contexto histórico, educacional e cultural da Grécia Antiga, a respeito da concepção do homem grego desde a infância até a fase adulta. Ao se perguntar o que era o homem, duas cidades gregas buscavam conceitos que o definisse. Para Esparta, o homem deveria ser o resultado de seu culto ao corpo. Para Atenas, virtudes e luta pela liberdade, ou seja, saber argumentar, falar bem, ser instruído em conhecimentos e defender seus direitos. Segundo Gadotti (2003, p. 30) esse processo “consistia na integração entre a cultura de uma sociedade e a criação individual de outra cultura numa influência recíproca”, ou seja, uma relação simultânea entre culturas interagindo entre si.

Segundo Arriès (1973), na idade média não havia a divisão territorial e de atividades em função da idade dos indivíduos, não havia o sentimento de infância ou uma representação elaborada para esta fase da vida. Para os Gregos, a criança aristocrata tinha privilégios em relação às demais, como o acesso à educação que possibilitava serem conhecidas e respeitadas às regras sociais e morais da polis (GABRIEL, 2014). Abaixo reproduzimos um quadro desenvolvido por Zanette em sala, o qual foi discutido por nós conjuntamente e que ilustra as influências de Parmênides e Heráclito no pensamento platônico. Vejamos:

Quadro 02: Não informada pelo autor.

Parmênides	Realidade Autêntica	2º Grau do Inteligível	Bem Ideias Eternas e Imutáveis <i>NOESIS</i>	4º
	Reino das Ideias	1º Grau do Inteligível	Conhecimento Discursivo Matemática <i>Dianóia</i>	3º

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 03: Não informada pelo autor.

Heráclito	Doxa ↓ Opinião ↓ Mutável	Crença	Seres (Materiais) <i>Pistis</i>	2°
		Conjectura	Imagens (sombras) <i>Eikasia</i>	1°

Fonte: Elaborado pelo autor.

Platão procurou com todas suas forças fundamentar um estado justo, no qual as pessoas pudessem desenvolver suas capacidades e potencialidades, bem como superar a fragilidade do mundo corpóreo, uma vez que as ideias eternas e imutáveis independem de fatores ligados à geração e à corrupção da matéria. A ideia do bem, do justo, do belo, entre outras, seriam os elos ontológicos através dos quais os seres humanos, voltados para a educação filosófica, poderiam superar o relativismo dos sofistas e a fragilidade da vida humana carnal. Pensar para além da carne não é negar o corpo, mas entender que somos mais que corpo, somos a união de corpo e alma. A teoria da reminiscência platônica, ligada à teoria das ideias, é fundamental para um entendimento da nossa tradição cristã, uma vez que autores como Agostinho de Hipona, por exemplo, resgataram o pensamento platônico e o conciliaram com a filosofia cristã.

Até o momento, pensamos e estudamos conceitos filosóficos sobre o dualismo corpo e alma, com o objetivo de compreender a virtude e felicidade como características que compõem a vida do ser humano. Vimos a definição de virtudes para Platão, que as chama de virtudes cardeais, e vimos como a Grécia antiga pensava o ser humano, além de outros assuntos relevantes ao tema. Após esse período de aula – e com o início da pandemia no mundo – começamos a refletir se os conteúdos ministrados em aula tinham relação com a ideia do novo hoje, ou seja: pessoas em quarentena, isoladas socialmente do contato com o outro, sistemas tecnológicos e virtuais substituindo as interações presenciais de outrora e todas as possíveis conseqüências que podem acontecer por conta desse novo cenário contemporâneo, como o aumento do medo do contato físico, a ansiedade e até mesmo a depressão, pela distância de entes queridos, a impossibilidade de festejar datas comemorativas e simbólicas, entre outras. Assim, passamos então a outra parte desse artigo, onde falaremos sobre a

virtude e felicidade em tempos de pandemia.

VIRTUDE E FELICIDADE NA CONTEMPORANEIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM OLHAR INTERDISCIPLINAR

Influenciados pelas ricas e controversas discussões em sala de aula, iniciamos, agora, nossas reflexões a respeito de virtude e felicidade na contemporaneidade e com foco nesse tempo de pandemia. Optamos por essa estratégia por pensar a filosofia em seu âmbito concreto, tal qual um instrumento valioso e interdisciplinar que nos permite transpassar o passado e o presente de um só golpe.

Muito se tem comentado sobre o novo coronavírus, mas é importante realizarmos reflexões a respeito. Trata-se de um vírus causador do COVID-19, uma sigla para Corona Vírus Disease (doença do coronavírus) e o número 19 fazendo referência ao ano de surgimento (2019): uma doença mortal. Teve sua origem na China, na cidade de Wuhan, em um mercado local com os primeiros relatos datados de dezembro de 2019. O vírus Sars-CoV-2 tinha como hospedeiros iniciais alguns animais, como o morcego, por exemplo, que eram considerados exóticos e comestíveis naquela nação e logo que passou aos seres humanos, foi rapidamente espalhado pelo mundo através de uma alta taxa de transmissão. Segundo os estudos da Universidade Johns Hopkins (2020), desde seu surgimento e até os dias atuais (junho de 2020), estima-se que mais de oito milhões de pessoas foram infectadas, sendo que 438.399 morreram. Nesse estudo de Hopkins, o Brasil ocupa o segundo lugar no ranking mundial, com 888.271 de infectados e 43.959 mortes.

Diante da situação apresentada, a Organização das Nações Unidas (ONU), através da Organização Mundial de Saúde (OMS), se pronunciou sobre os efeitos nocivos da pandemia em relação ao distanciamento social, quarentena e isolamento forçado o qual o planeta se viu obrigado a realizar. De acordo com Ghebreyesus, diretor da OMS:

O impacto da pandemia na saúde mental das pessoas já é extremamente preocupante. O isolamento social, o medo de contágio e a perda de membros da família são agravados pelo sofrimento causado pela perda de renda e, muitas vezes, pelo emprego (WHO, 2020, tradução nossa).

O estudo ainda aponta um aumento considerável em casos de depressão e ansiedade ao redor do mundo devido os efeitos negativos gerados pela pandemia global. Todos esses fatos nos fizeram refletir a respeito de virtude e felicidade em tempos de pandemia, onde temos

pensado em maneiras de manter a saúde mental em condições de isolamento.

O estado de Roraima está localizado na tríplice fronteira com a Venezuela e Guiana Inglesa. Por ser um estado geograficamente posicionado em região de fronteira internacional, questões de mobilidade entre as nações sempre foi algo constante. Porém, no ano de 2016, houve um aumento considerável de venezuelanos cruzando a fronteira em direção ao Brasil devido questões políticas em sua nação. Além disso, o estado se localiza também em região amazônica com muitas comunidades indígenas e atividades ilegais de garimpo, o que torna essa região complexa.

Desde 2018 e com o aumento de mais de 10% da população de Boa Vista, capital do estado de Roraima, em decorrência da migração, foi criada a operação acolhida, que é a resposta humanitária governamental e interagencial do Governo Brasileiro e de organismos nacionais e organizações internacionais, tanto de agências da Organização das Nações Unidas como também Organizações não Governamentais. 14 mega abrigos foram criados, com uma população estimada em mais de sete mil pessoas em sua totalidade, além de respostas emergenciais e humanitárias para populações vivendo nas ruas, em ocupações espontâneas de prédios abandonados públicos e privados, além de diversas outras formas de assistência imediata para essas populações de migrantes e refugiados, indígenas e não indígenas.

Além dessa situação, no dia 21 de março de 2020 foram confirmados os dois primeiros casos positivos de pessoas com COVID-19. Segundo o portal G1, em comunicação com a Secretaria Estadual de Saúde (SESAU):

Gráfico 1: Evolução da COVID-19 em Roraima.



Fonte: OLIVEIRA, 2020.

A pesquisa mostra que no período de 21/03 a 09/06, 6.712 pessoas foram testadas positivas com COVID-19. O que a pesquisa não mostra, entretanto, são as mudanças que o vírus trouxe à dinâmica social da capital. Através de decretos municipais, grandes partes dos comércios locais fecharam as portas, os bancos reduziram seu horário de atendimento e os demais setores limitaram atendimento de forma apenas a atender serviços considerados essenciais. Escolas, faculdades e universidades suspenderam o ensino presencial, uso de máscaras passou a ser obrigatório, bem como cuidados como usar luvas e álcool em gel.

A perda do giro de capital passou a ser comentado nos jornais e debates na internet. Os pequenos e médios comerciantes se viram obrigados a cumprir a lei, porém o desespero de não ter uma renda fixa no mês passou a tomar conta. Os enlutados que perdiam seus familiares, amigos e colegas de trabalho não podiam velar seus entes queridos, pois o vírus poderia ser propagado. A falta de testes clínicos, medicamentos e leitos nos hospitais passaram a ser uma preocupação constante dos residentes de Boa Vista, além da preocupação em ficar em filas de bancos ou entradas de supermercado, por ser uma forma 'discreta' de aglomeração e assim serem vetores de propagação do vírus. As constantes mudanças no cenário político e social do Brasil, além de constantes informações de aumento de mortes causadas pelo vírus, assim como as fakenews que surgiriam diariamente, também passaram a ser um fator de constante preocupação, sofrimento e angústias do povo. Ou seja, todas as situações complexas que já deixavam Roraima em uma situação vulnerável foram aumentadas pela pandemia e tudo o que ela trouxe. As informações acima são apenas partes de uma grande e complicada situação posta. Foi e é necessário encontrar nessa nova vida respostas, ações e esperança, mesmo em meio a um processo conturbado de resignificação. Diante disso, como encontrar virtude e felicidade em tempos de pandemia? Na verdade, podemos encontrar um novo significado para tais termos?

Seja na antiguidade ou nos tempos atuais, é relativamente complicado chegar a um denominador comum no que diz respeito ao que representa o tópico de virtude e felicidade. Para isso, e sem se despedir definitivamente da filosofia, passamos a analisar outras abordagens contemporâneas, como uma abordagem que encontra na psicologia sua ideia central, chamada psicologia positiva. Achor (2012) conta que na época em que era um funcionário de Harvard como proctor de calouros e assistente de ensino, realizou uma viagem institucional para a África, especificamente a um subúrbio de Johannesburgo, em uma turnê de palestras. Na ocasião ele

visitou uma escola ao lado de uma favela, com pouca estrutura e recursos. Ao perguntar quais alunos gostavam de fazer a tarefa de casa e perceber que 95% das crianças responderam sorridentes que sim, decidiu comparar essas respostas com a sua percepção a respeito de como os estudantes de Harvard responderiam. Ao fazer essa pergunta e perceber que a maioria das respostas respondia exatamente ao oposto, começou a notar que grande parte desses alunos de Harvard eram infelizes. Após uma série de reflexões e estudos, o autor apontou que:

Em 2004, por exemplo, um levantamento do Harvard Crimson revelou que nada menos que quatro de cada cinco alunos de Harvard sofrem de depressão pelo menos uma vez durante o ano letivo e aproximadamente metade de todos os alunos sofre de uma depressão tão debilitante que não consegue exercer suas atividades.

Essa epidemia de infelicidade não se restringe a Harvard. Um levantamento do Conference Board, um instituto de pesquisas sem fins lucrativos, realizado em janeiro de 2010, mostrou que apenas 45% dos trabalhadores entrevistados estavam felizes com o emprego, marcando o ponto mais baixo em 22 anos de levantamentos (ACHOR, 2012, p. 20).

Esses e outros apontamentos levaram o autor a estudar o fenômeno da felicidade não apenas nesse campo acadêmico ou profissional, mas nas demais áreas da vida do ser humano. Entre várias conclusões, o autor reflete que até aquele momento, os estudos levavam a crer que a noção de felicidade dependia do sucesso profissional almejado e conseguido. O autor diz que:

Se o sucesso levasse à felicidade, todo trabalhador que conseguisse uma promoção, todo estudante que passasse no vestibular ou qualquer pessoa que já tenha atingido uma metade qualquer natureza seria feliz (ACHOR, 2012, p. 14).

Ele conclui dizendo que para ele é exatamente o oposto, ou seja, o sucesso depende do fato de o ser humano estar pleno em felicidade, podendo assim promover o desempenho e a realização, o que o autor chama de Benefício da felicidade. Ainda segundo o autor, os estudos dessa área da psicologia têm sido omissos de duas formas. A primeira omissão acontece em focar mais na média da aprendizagem do que em quem está fora dela. Por exemplo, quando realizada a pergunta: “Em quanto tempo as crianças aprendem a ler na sala de aula?” (p. 22) Os estudos redirecionam a questão para: “Em quanto tempo em média as crianças aprendem em sala de aula?” (p. 22). Isso, segundo o autor, é ignorar a criança que está fora da

média, as quais aprendem mais rapidamente ou menos, e, focando em estudos gerais, contemplam um grupo seletivo de pessoas e excluem outras. A segunda omissão acontece quando os estudos são redirecionados apenas a uma parte fora da média. O autor reconhece os esforços da psicologia em realizar estudos que ajudem as pessoas infelizes a terem uma recuperação e tentar viver normalmente, porém “Você pode eliminar a depressão sem tornar a pessoa feliz. Pode curar a ansiedade sem ensinar a pessoa a ser otimista. Pode fazer uma pessoa voltar a trabalhar sem, no entanto, melhorar seu desempenho profissional” (p. 23). Esse padrão em focar no negativo é uma das causas da nossa realidade não ser modificada. Iniciaram-se, assim, os estudos da psicologia positiva, em 1998, com foco na felicidade e no bem estar do ser humano.

Além da filosofia e psicologia, estudos em outras áreas do conhecimento como a antropologia e a economia, nos chama a atenção. Galtung (2005), em um estudo social sobre formas de violência e paz, menciona o fenômeno da anomia como a ausência de sanções, em relação às normas sociais. Citando Merton, Durkheim e Adam Smith, o autor diz que:

Reduzidas a formulações ocias, as normas deixam de ser vinculativas. Resta, muito egocentricamente, a dor-prazer, a orientação baseada no custo-benefício, a busca individual da felicidade, que Adam Smith e o economicismo consideraram ser a pedra basilar da ordem social (GALTUNG, 2005, p. 64).

Quadro 04: Não informado pelo autor.

Esses estudos sociais entre o homem e a sociedade se relacionam com o conteúdo visto em aula, como, por exemplo, a conexão que Platão faz da sociedade com a alma. Além do conteúdo já mencionado aqui como visto em sala de aula, também vemos que Platão desenvolve seus questionamentos e apontamentos a respeito de sua concepção de estado justo, ou seja, aquele que é governado e administrado por filósofos. Abaixo reproduzimos uma comparação da estratificação social platônica, baseada em a República de Platão, discutida em sala de aula e apresentada por Zanette:

Estado Platônico		Alma
1º Reis Filósofos	← Estratificação Social →	1º Razão
2º Guerreiros		2º Coragem
3º Produtores		3º Apetites
4º Artesões		

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nessa perspectiva, e realizando uma análise comparativa com a contemporaneidade, apresentamos uma releitura inspirados no estado platônico. Os reis filósofos podem ser vistos como os atuais governantes e líderes políticos, os guerreiros podem ser vistos como os setores de defesa (polícia, militares) e os produtores e artesões como o povo de um modo geral. O maior problema da história da política é este trazido por Platão, pois quem está no topo dessa classificação não pode ser considerado como modelo da razão automaticamente, pois, muitas vezes, movidos por interesses econômicos, sociais ou outros, deturpam a lógica da organização social baseada na razão e transformam a sociedade em um terreno de disputas e usurpações. Então, como ser feliz em tempos de desordem social? Como ser feliz em estados injustos, em relação àquele em que Platão apresenta como ideal? Como ser feliz em uma sociedade desigual? Tais questões gregas são fundamentais para nós pensarmos a felicidade em nosso contexto atual: Como ser feliz em tempos de pandemia, reclusão obrigatória e quarentena? Os filósofos helenistas, como epicuristas, estóicos e cínicos, deram respostas interessantes.

Uma vez que a Grécia perdeu a liberdade política, por diversas vezes, entre os séculos IV e III ac., os seres humanos deixam de ser estritamente cidadãos da polis (cidade) e tornam-se cidadãos do mundo. Para os epicuristas, por exemplo, a felicidade estava no conhecimento de como funciona o mundo e da limitação da procura pelos prazeres mundanos e carnis, atingindo um estado de tranquilidade e liberdade do medo. Já para os estóicos, a felicidade era encontrada na reflexão do ser humano diante da impossibilidade de se alterar os eventos no mundo, aceitação desse fato e também na dominação dele em relação às suas paixões, um processo que resulta na *ataraxia*, ou seja, a ausência de perturbações e inquietudes da alma. Para os cínicos, a felicidade poderia ser alcançada por todos. Isso porque a busca pela felicidade era vista como parte de um processo de libertação de coisas consideradas como causais e efêmeras, como o luxo, boa saúde, poder, entre outras.

Tal quais estes filósofos, hoje, em tempos de isolamento social, somos cidadãos do mundo, nessa nova realidade, albergados em nossas casas. Vemos o surgimento da virtualidade do real, ou seja, saímos das reuniões, das aulas, do trabalho presencial para o virtual. Saímos dos supermercados e feiras presenciais para a compra de mantimentos por aplicativos. Substituímos nossos colóquios, seminários e demais eventos acadêmicos por webinars, palestras e encontros virtuais. Nossa sala de aula agora tem outro nome: zoom, google meet, entre outros. Os shows, teatros e eventos

de entretenimento saíram do presencial para o virtual. Os abraços e interações físicas passaram a tentar simular seu efeito reconfortante e acolhedor através de uma mensagem em redes sociais ou até mesmo ligações de voz e vídeo. As diversas notícias enchem nossos smartphones, redes sociais e televisão com informações por vezes manipuladas, estereotipadas e que contemplam pontos de vista tendenciosos. Esta virtualidade é bizarra, pois os meios de comunicação, empresas, políticos, manipulando as informações e a mídia, nos levam a pensamentos, ações e ideologias que, não necessariamente, constroem um mundo melhor. Ao contrário, embora a tecnologia seja incrível, a vida em isolamento mostra que somos mais felizes com coisas simples e que dinheiro não resolve necessariamente os nossos problemas. Por isso concordamos com Achor, o autor da psicologia positiva e que levanta o estudo de benefício da felicidade, apontando que pobres podem ser mais felizes e mais dedicados aos estudos que ricos. Então, ser feliz é algo que transpassa, transborda o financeiro.

Voltando a Platão, que idealizava uma sociedade justa, virtuosa e rica em conhecimento, pensamos que a felicidade é como ele idealizou: a busca pela simplicidade, a sabedoria em administrar as paixões e desejos, sem, no entanto, os reprimir. Ter suas ações baseadas no bem e conseqüentemente, desenvolver esse bem em seus pensamentos, ações e posturas sociais.

OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Pensando sobre a felicidade na academia, alguns apontamentos sugerem que muitos acadêmicos, após se formarem, enfrentam o trauma do desemprego ou do subemprego, sendo, a empregabilidade, a principal preocupação da comunidade acadêmica brasileira (Santander, 2018). Os efeitos de não conseguir um emprego – ou ser demitido de um – também é uma das preocupações da OMS nesses tempos de pandemia. Pensando nisso, foi desenvolvida a mesa redonda Empreendedorismo e Bem Estar: Como construir uma filosofia de vida, com a participação de alguns professores da Universidade Estadual de Roraima, entre eles o professor Zanette, docente da disciplina através da qual motivou este estudo. Tendo em vista que a promoção do bem estar está provavelmente ligada às questões de virtude e felicidade, é possível afirmar que esse evento coincidiu na direção final dessa matéria.

É necessário também trazer uma reflexão a partir da filosofia da religião, conforme mencionado em uma das aulas, sob a perspectiva de

Agostinho. Este filósofo/teólogo viveu em um período onde viu o cristianismo ser combatido em uma Roma corrupta, fadada aos prazeres e vontades plenamente humanas. Ao identificar a verdadeira vida como ausente, Agostinho (1996) menciona que:

(...) a Roma da ociosidade e do prazer; das comesainas a toda a hora e em todos os lugares; das grandes fortunas (...); das fomes cíclicas e da vagabundagem; do despotismo, da delação e do terror; e até as epidemias provenientes de toda a parte do mundo, transportadas por adventícios de todas as raças. Era nela que o egoísmo e a crueldade daquela mescla de latinos, gregos, assírios, egípcios, africanos, gauleses, germanos, hispanos, se mostrava em toda a sua hediondez: por medo ao contágio, abandonavam os doentes à sua própria sorte (AGOSTINHO, 1996, p. 27).

Scherer (2006) ao refletir sobre memória e interioridade nas confissões de Agostinho, identifica o que representa felicidade para ele. Analisando e parafraseando Agostinho, Scherer (2006, p. 39) diz que “A felicidade possui duas características; ela é, ao mesmo tempo, interna, por estar presente na alma, e universal, por pertencer a todos os homens e não a um particular”. Tendo em vista que o objeto central das narrativas de Agostinho, bem como o centro de seus estudos, pensamentos e vida é Deus, para ele a felicidade é companheira da verdade, que habita a memória humana, lugar abaixo de Deus. Através destes estudos e questionamentos podemos perceber o quanto a filosofia inspira e colabora em tempos de pandemia. No isolamento, atividades como ler, pensar, ver filmes, refletir, são essenciais. Pensar o real, nossas angústias, nossos problemas, através do olhar filosófico, nos enriquecem, nos faz menos preconceituosos, pois abrimos nossos conceitos e supostas verdades para a crítica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essas reflexões visam promover o papel essencial da filosofia na construção de uma vida feliz. Para tanto, expomos sucintamente algumas abordagens pertinentes ao tema. A experiência aconteceu no segundo semestre de 2019 e o encerramento da disciplina culminou com a apresentação deste conteúdo no I Congresso sobre Defesa Social, Sustentabilidade e Direitos Humanos, na Universidade Estadual de Roraima, em novembro de 2019. Ainda no primeiro semestre de 2020, esta pesquisa foi concluída, focando nas análises de virtude e felicidade relacionadas à pandemia que nos assola, proporcionando, inclusive, estudos relacionados à filosofia, saúde mental e bem estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar uma análise desse breve percurso acadêmico na disciplina de Virtude e Felicidade, que por sua vez foi inspirado por vários autores filosóficos e de outras áreas do conhecimento, percebemos que esses pensamentos se relacionam com os estudos do ser, da ética, do homem social e até mesmo da psicologia, almejando o homem ideal como virtuoso e feliz. Nossa experiência acadêmica se mostrou de certa forma um processo de aprendizagem didático, lúdico e do conhecimento de si, em referência ao aforismo conhece-te a ti mesmo, presente na entrada do oráculo de delfos, na Grécia antiga. Um olhar rápido na história mostra que através das revoluções, disputas e movimentos, ainda estamos infelizes e almejamos sempre mudança. Os efeitos negativos causados pelo isolamento forçado, quarentena e distanciamento social ainda estão em análise e identificação, pois essa situação ainda é recorrente. No entanto, já podemos concordar com a OMS de que são grandes os efeitos nocivos ao ser humano, como depressão e ansiedade crescentes, medo e insegurança generalizados. Assim, essa pesquisa oportunizou um olhar na filosofia e filosofia da religião a respeito de estudos relacionados à virtude e felicidade, inclusive em tempos sombrios. Nossa sensação é que ainda temos um longo percurso a realizar nesses estudos para sermos completos de virtude e felicidade, mas o fato de serem oportunizados já é o início desse movimento. Considerando que esse processo parte de uma práxis filosófica ativa entre professores e acadêmicos, ainda está sendo pensado o café filosófico que aconteceu dentro da disciplina em 2019 para que ele seja replicado publicamente, em formato EAD, para o segundo semestre de 2020, como uma forma de dar continuidade a esses debates e oportunizar uma melhor compreensão para a sociedade a respeito de que filosofia e religião são ciências acessíveis, fundamentais e contribuem para a construção de nossa própria felicidade.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. A cidade de Deus. Tradução de J. Dias Pereira, 2ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª ed, 1996.
- ACHOR, S. O Jeito Harvard de Ser Feliz - o Curso Mais Concorrido de Uma Das Melhores Universidades do Mundo. Tradução: Cristina Yamagami, 1ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2012.
- ARRIÉS, P. História Social da criança e da família. Tradução: Dora Flaksman, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- DINUCCI, A. SÓCRATES VERSUS GÓRGIAS: As noções de téchne e dýnamis aplicadas à

retórica. *Anais de Filosofia Clássica (Online)*, v. 2, p. 3, 2008.

GABRIEL, G. L. A escola narrada pelas crianças Makuxi na Amazônia: primeiras aproximações. *Infância, aprendizagem e exercício da escrita*. 1ed. Curitiba: Editora CRV, 2014, v. 1, p. 01-338.

GADOTTI, M. *História das Ideias Pedagógicas*. 8 ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

GALTUNG, J. Três formas de violência, três formas de paz. A paz, a guerra e a formação social indo-europeia. Tradução: João Paulo Moreira. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Nº 71, 2005, p. 63-75. Disponível em:

<<https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/71/RCCS71-Johan%20Galtung-063-075.pdf>> Acessado em: 13/10/2019.

HERÁCLITO DE ÉFESO (1978). *Fragmentos*. In *Os Pré-Socráticos (Os Pensadores)*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY. COVID-19 Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University, 2020. Disponível em:

<<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>> Acessado em: 16/06/2020.

LAWSON, J. *Alucinadamente Feliz: um livro engraçado sobre coisas horríveis*.

Tradução: Andrea Gottlieb de Castro Neves, 1ª Ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

LÉVINAS, E. *De Deus que vem à ideia*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, V. 25% dos moradores de Boa Vista foram infectados pelo coronavírus, diz pesquisa, 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/06/12/25percent-dos-moradores-de-boavista-foram-infectados-pelo-coronavirus-diz-pesquisa.ghtml>> Acessado em: 17/06/2020.

PINTO, M. J. V. A "medida das coisas" entre o homem e Deus. Algumas reflexões sobre o frag. 1 de Protágoras. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, Vol2, Nº 8, 1994-1995, p. 321-331. Disponível em: <<https://run.unl.pt/handle/10362/6802>> Acessado em: 13/09/2019.

SANTANDER. *Empregabilidade é a principal preocupação da comunidade acadêmica Brasileira*. São Paulo: 2018. Disponível em:

<<https://www.santander.com.br/document/wps/26-04-2018-Empregabilidade-e-a-principal-preocupacao-da-comunidade-aca.pdf>> Acessado em: 13/10/2019.

SCHERER, F. C. Memória e interioridade nas Confissões. *Controvérsia (UNISINOS)*, v. 2, p. 34-42, 2006.

TONET, I. *Método Científico: uma abordagem ontológica*. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Substantial investment needed to avert mental health crisis*, 2020. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/detail/14-05-2020-substantial-investment-needed-to-avert-mental-health-crisis>> Acessado em:

16/06/2020.